

ELEIÇÕES 2024

Polarização enfraquecida após o primeiro turno

Ao Correio, especialistas avaliam eleições municipais

Por Gabriela Gallo

Após o primeiro turno das eleições municipais, neste domingo (6), dos 103 municípios autorizados a ter um segundo turno, eleitores aptos de ao menos 50 cidades do país retornarão às urnas no dia 27 de outubro. Desse total, estão 15 capitais brasileiras que ainda escolherão seus futuros prefeitos. Das onze capitais brasileiras que elegeram seus prefeitos logo no primeiro turno, dez já ocupavam o respectivo cargo e foram reeleitos. A única exceção é em Teresina (PI), onde o candidato Silvío Mendes (União Brasil) assumirá no lugar de Dr. Pessoa (PRD).

Considerando as informações do primeiro turno, o cientista político Isaac Jordão avaliou que o as eleições municipais deste ano demonstram que a polarização, tão presente nas últimas eleições, “parece mostrar cansaço e estar arrefecendo”.

“Os partidos que se identificam com o centro foram os maiores vitoriosos, especialmente o PSD, que é de centro-direita mas tem gente nos dois lados do centro, e o MDB, que também é um partido de centro com lideranças dos dois lados. Afora eles, PP e União Brasil, que são partidos também de centro, mas mais de centro-direita, sem se furta aos acordos”, disse ao Correio da Manhã.

Na mesma linha de pensamento, o consultor em análise política da BMJ Consultores Associados Érico Oyama reforçou que os dados apontam que o presidente Lula “é mais forte do que a esquerda”. No primeiro turno, o Partido dos Trabalhadores elegeu 250 prefeitos, nenhum em capitais. Quatro candidatos da sigla tentam o segundo turno. “A vitória



Candidatas traçam suas estratégias para o segundo turno

ria de Lula em 2022 deve-se mais ao carisma de Lula e à memória da população das gestões que teve como presidente. O resultado também mostra o poder que [o ex-presidente Jair] Bolsonaro tem como cabo eleitoral, com vários aliados eleitos ou com vaga na disputa de segundo turno”, afirmou.

Estratégias

As 15 capitais federais realizaram o segundo turno eleitoral dia 27 são: São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Manaus (AM), Fortaleza (CE), Goiânia (GO), Cuiabá (MT), Campo Grande (MS), Curitiba (PR), João Pessoa (PB), Belém (PA), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Porto Velho (RO), Aracaju (SE) e Palmas (TO). Nesse meio tempo, os candidatos que ele disputam o segundo turno seguem a todo vapor e elaboram suas estratégias para tentar ganhar a nova etapa da disputa.

Segundo Isaac Jordão, enquanto no primeiro turno das eleições municipais o foco são eleições mais pragmáticas que ideológicas — com um foco no que o candidato de fato fará para

a cidade —, no segundo turno, as estratégias são de maior confronto entre os candidatos, já que o vencedor será o “menos rejeitado”.

“É conseguir se mostrar como a opção mais viável ao mesmo tempo em que se demonstra que o oponente é pior. Neste sentido, a aposta na ‘polarização’ ideológica vai ser muito maior, principalmente nas prefeituras em que PT e PL estão em lados opostos”, disse o cientista político. Essa polarização acontecerá em Fortaleza, onde disputam os candidatos André Fernandes (PL) e Evandro Leitão (PT), e em Cuiabá, onde disputarão o cargo de prefeito os candidatos Abílio Brunini (PL) e Lúdio Cabral (PT).

Por outro lado, o cientista político Rócio Barreto avalia que, no caso das eleições municipais, os candidatos com maiores chances de serem eleitos são aqueles com propostas centradas e mais “pé no chão”, citando como exemplo o candidato a prefeito de São Paulo Pablo Marçal (PRTB). Apesar de ter se tornado um candidato bastante comentado, tanto que algumas pesquisas eleitorais apontavam um possível

segundo turno com o ex-coach, Marçal ficou fora do segundo turno à prefeitura da cidade.

“Isso é devido às propostas mirabolantes dele e é um reflexo e um espelho para os demais municípios. Os candidatos que oferecerem um leque maior de propostas e essas propostas estiverem fincadas no chão, fortalecidas dentro da possibilidade de ser realizadas, esses candidatos terão mais sucesso do que aqueles que optarem por outras estratégias, querendo criar algum mito. Vimos que os partidos que tiveram mais candidatos eleitos, foram os partidos que ofereceram propostas mais centradas — sem considerar os partidos que elegeram prefeitos com propostas dentro do culto religioso”, disse Barreto à reportagem.

Isaac Jordão ainda pontuou que as eleições também evidenciaram um enfraquecimento da direita. “Em várias capitais e cidades importantes houve disputa entre PL e Republicanos. Isso mostra que existe um racha na direita e que se não for bem tratado por esses agentes pode virar uma ameaça séria ao grupo derrotado”, reiterou o cientista político.

Em 15 capitais, volta no 2º turno

Da Redação

A ida dos eleitores às urnas no último domingo (6) selou a eleição para prefeito em 11 das 26 capitais do país. Boa Vista (RR) reelegeu o prefeito Arthur Henrique (MDB). Em Florianópolis (SC), foi reeleito Topázio Neto. Em Macapá (AP), também foi reeleito o prefeito Dr. Furlan. Também houve reeleição em Macció (AL), com João Henrique Caldas (PL), conhecido como JHC. No Recife (PE), como João Campos (PSB). No Rio de Janeiro, com Eduardo Paes (PSD). Em Salvador, com Bruno Reis (União Brasil). Em Rio Branco (AC), com Tião Bocalon (PL). Em São Luís, com Eduardo Braide (PSD). Em Vitória, com Lorenzo Pazolini (Republicanos). Em Teresina, foi eleito o ex-prefeito Silvío Mendes (União Brasil).

Assim, das 11 vitórias garantidas em primeiro turno, dez são de prefeitos que já ocupavam o cargo e foram reeleitos. A única exceção é em Teresina. Lá, Silvío Mendes assumirá a cadeira hoje ocupada por Dr. Pessoa. O atual prefeito disputou as eleições, mas ficou em terceiro lugar, com 2,20% dos votos válidos.

Outras 15 capitais terão segundo turno. Os eleitores de Aracaju (SE), Belo Horizonte (MG), Belém (PA), Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Goiânia (GO), João Pessoa (PB), Manaus (AM), Natal (RN), Palmas (TO), Porto Alegre (RS), Porto Velho (RO) e São Paulo (SP) de-



Maioria das capitais retornará às urnas no segundo turno

verão voltar às urnas no dia 27 de outubro.

Bem perto

Em algumas capitais, a eleição esteve perto de ser resolvida no domingo (6) mesmo, mas por menos de 1% de votos o primeiro colocado não conseguiu evitar o segundo turno. Em João Pessoa, Cícero Lucena (PP) terminou com 49,16% dos votos, contra 21,77% de Marcelo Queiroga (PL). Os dois seguem em campanha.

Situação parecida ocorreu em Porto Alegre. Com 49,72% dos votos, Sebastião Melo (MDB) enfrentará Maria do Rosário (PT) no segundo turno. A petista teve 26,28% dos votos.

O cenário oposto foi visto em São Paulo. Última capital a definir os nomes do segundo turno, a cidade acompanhou durante cerca de quatro horas um empate técnico triplo entre Ricardo Nunes (MDB), Guilherme Boulos (PSOL) e Pablo Marçal (PRTB). No fim, Nunes e Boulos seguiram para o segundo turno, mas a diferença do emedebista, primei-

ro colocado, para Marçal foi de pouco mais de 81 mil votos, ou 1,34%. Já a diferença entre Nunes e Boulos foi de 0,41%, totalizando meros 25 mil votos.

Em Goiânia, Fred Rodrigues (PL) estava em terceiro nas pesquisas na véspera do pleito, mas fechou o primeiro turno como o mais votado, com 31,14% dos votos válidos. Disputará o segundo turno com Sandro Mabel (União), que teve 27,66% dos votos e jogou Adriana Accorsi (PT), que figurava em segundo nas pesquisas, para o terceiro lugar. Em Campo Grande, o segundo turno será disputado por duas mulheres, Adriane Lopes (PP) e Rose Modesto (União).

Partidos

As eleições nas capitais do país mostraram uma predominância de partidos de centro e do PL, de direita. Em todos os cenários de segundo turno existem candidatos do PL ou de partidos de centro. Em alguns casos, ambos.

Das 11 capitais que resolveram a eleição em primeiro turno,

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA

Divulgação/Campanha Ricardo Nunes



Prefeito com o bolsonarista Fabio Wajngarten

Ricardo Nunes discute o que fazer com Bolsonaro

Aliados de Ricardo Nunes (MDB), candidato à reeleição a prefeito de São Paulo, voltaram a discutir um tema recorrente desde o início da campanha: como usar Jair Bolsonaro na fase final da disputa. Há o temor de que a vinculação excessiva do ex-presidente a Nunes cole no prefeito a imagem de radical e diminua a percepção de que ele é um político equilibrado

— algo que, no primeiro turno, foi reforçado pela atuação de Pablo Marçal (PRTB). Pesquisas também mostraram que a maioria dos eleitores não votaria em candidato apoiado por Bolsonaro. Nunes quer e precisa dos eleitores bolsonaristas, mas há quem defenda que, como seu adversário é Guilherme Boulos (Psol), esses votos irão naturalmente para o emedebista.

Mistério

Ex-integrante do governo Bolsonaro, Fabio Wajngarten é um dos que insistem na maior presença do amigo. Mas há outro porém: ninguém sabe se o ex-presidente vai querer participar de maneira efetiva da campanha de Nunes ou se fará como no primeiro turno.

Normalidade

A eliminação de Marçal gerou, entre os aliados de Nunes, uma sensação de alívio e a perspectiva de uma disputa normal no segundo turno. Uma campanha entre representantes da direita e da esquerda sem as rasteiras e as surpresas aplicadas pelo coach.



Candidato do Psol topa até nove confrontos

Guilherme Boulos descarta limitação de debates

Boulos nem quer saber da proposta de Nunes de reduzir para três os debates no segundo turno — há convites para a realização de 12 encontros (foram 11 no primeiro turno). O psolista fala na realização de oito ou nove confrontos — quer esquentar uma disputa que Nunes pretende manter o mais gelada possível. Por ser

prefeito, é alvo mais fácil e, além disso, espera ficar com quase a totalidade dos votos de Marçal. Boulos conta com a divisão igualitária do tempo de TV (no primeiro turno, Nunes tinha 65% do espaço) e tentará se mostrar como candidato que representa a revolta e o protesto, algo incorporado por Marçal.

‘Extremista’

Vereadora mais votada do PT carioca, Tainá de Paula classificou, em entrevista à CBN, o Psol de “extrema esquerda” e que não tenta ser uma alternativa de poder. Ela criticou a decisão do partido de lançar candidato à prefeitura do Rio — o PT apoiou Eduardo Paes (PSD).

Não comenta

Em São Paulo, o PT abriu mão de lançar candidato para apoiar Boulos (indicou a vice, Marta Suplicy). Aliados do psolista avaliaram que as críticas não influenciarão a disputa; a campanha decidiu não se pronunciar. Tainá integrou o secretariado de Eduardo Paes.

Rivalidade

As críticas de Tainá reforçaram a desconfiança de que o PT não entrou inteiro na campanha de Boulos — o apoio foi decidido, principalmente, pelo presidente Lula. Entre alguns petistas há o temor de que o Psol, caso vitorioso em São Paulo, vire seu rival na esquerda.

Mais com menos

E por falar na esquerda. Presidente nacional do PSB, Carlos Siqueira comemora a eleição, pelo partido, de 309 prefeitos — entre eles, o de Recife (PE), João Campos, que foi reeleito. E ressalta que o PT, “com cinco vezes mais recursos”, elegeu uma quantidade menor — 248.

Com informações da Agência Brasil